



## Retrospectiva

# Approaches to discourse

SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell, 1994, 470 p.

Mércia Regina Santana Flannery\*

### 1. Introdução

Em *Approaches to discourse*, Schiffrin apresenta seis abordagens para o estudo do discurso, de acordo com a orientação anglo-americana, discutindo em detalhes a fundamentação teórica que apoia cada uma, e exemplificando a metodologia de suas aplicações. Trata-se de uma referência obrigatória nos estudos relacionados à análise do discurso e que ilustra muito bem a importância do trabalho e a contribuição para a disciplina por uma das mais importantes linguistas contemporâneas<sup>1</sup>. O livro inclui também exercícios que podem ser úteis ao se apresentar cada uma das abordagens para o estudo do discurso em cursos de graduação ou na pós-graduação, em letras e/ou áreas afins. Ele está organizado em três partes: I – trata do escopo da análise do discurso, subdividida em dois capítulos 1: introdução, e 2: definições do discurso; II – trata das abordagens discursivas, subdividida em seis capítulos: 3. Teoria dos atos de fala, 4. A sociolinguística interacional, 5. A etnografia da comunicação, 6. A Pragmática, 7. A Análise da conversa, 8. A Análise variacional, III – conclusão da obra, subdividida em quatro capítulos: 9. Estrutura e função, 10. Texto e contexto, 11. Discurso e comunicação, e 12. Conclusão: Linguagem como interação social.

---

\* Ph.D. Diretora do Programa de Língua Portuguesa da University of Pennsylvania, Philadelphia, Estados Unidos. [merciaf@sas.upenn.edu](mailto:merciaf@sas.upenn.edu)

<sup>1</sup> Deborah Schiffrin faleceu em julho de 2017.

Na introdução (o primeiro capítulo), Schiffrin faz uma breve introdução das diferentes abordagens a serem apresentadas ao longo do capítulo. A autora discute a amplitude de definições e aplicações da análise do discurso, mostrando que, em parte, essa variedade relaciona-se ao número de disciplinas que fazem uso do discurso como ferramenta para realizar seus estudos. Como a autora mostra, a análise do discurso tem sido objeto de disciplinas como a antropologia, a sociologia, a filosofia, a comunicação, a psicologia social e a linguística. Na sequência, ela define a Teoria dos atos de fala, a Sociolinguística interacional, a Etnografia da comunicação, a Pragmática, a Análise da conversa e a Análise variacional, acompanhando cada uma das descrições com exemplos dos trabalhos dos teóricos representativos de cada uma das respectivas áreas.

No capítulo dois, Schiffrin apresenta uma discussão da definição do conceito de discurso. A autora inicia o capítulo com uma comparação entre dois paradigmas para o estudo do discurso: o formal e o funcional. De acordo com a autora, a definição dessas duas orientações é pautada pela visão do discurso como “unidade particular da língua” e como “um foco particular” (p. 20). Ela se propõe, então, a investigar essas noções e discute, em detalhes, o conceito de discurso como “linguagem acima da sentença” (p. 23), “uso linguístico” (p. 31) e “enunciados” (p. 39), mostrando as vantagens e desvantagens de empregar cada uma dessas definições no estudo do discurso. Schiffrin opta pela definição de discurso como enunciados, “unidades de produção linguística (falada ou escrita) que é intrinsecamente contextualizada<sup>2</sup>” (p. 41), alinhando a escolha dessa definição aos objetivos do livro: 1) sintáticos – que dizem respeito à procura por regularidades na emissão de enunciados, 2) semânticos e pragmáticos – que objetivam a apreensão de como o significado e o uso de certas expressões permitem comunicar e interpretar “o conteúdo comunicativo” do que é dito (p. 41).

---

<sup>2</sup> Essa e as demais traduções ao longo do texto são de responsabilidade da autora da resenha. No original, “I will view utterances as units of language production (whether spoken or written) that are inherently contextualized” (SCHIFFRIN, 1994, p. 41).

No capítulo três, a autora apresenta uma visão geral do trabalho dos filósofos John Austin e John Searle, discutindo o surgimento da Teoria dos atos de fala com base na compreensão desses dois pensadores de que a língua é usada para executar ações (p. 49). De Austin, veio a proposta de que alguns enunciados executam ações, em vez de meramente descrevê-las ou reportá-las. O autor distingue então dois tipos de enunciados: os performativos e os constatativos (p. 51). Cada enunciado, na visão de Austin, é composto de um ato locucionário (a produção de palavras e sons com significado); um ato ilocucionário (a emissão de um enunciado com “força comunicativa convencional atingida no ato da fala”, p. 51); e um ato perlocucionário (o efeito realizado por meio do enunciado). De Searle, veio a proposta de que a “unidade básica da comunicação linguística humana é o ato ilocucionário” (p. 57), o que, efetivamente, lança os atos de fala no centro do estudo da linguagem. Searle também propõe uma taxonomia dos atos de fala, identificando cinco classes: representativos, diretivos, comissivos, expressivos e declarativos (p. 57). Como Schiffrin discute no final do capítulo, a contribuição desse estudo para o entendimento do discurso centra-se no significado de enunciados como atos, cujas unidades podem ser segmentadas e rotuladas. Por sua vez, esse reconhecimento demonstra que, no âmbito de uma troca linguística, há uma série de “relacionamentos funcionais subjacentes” que contribuem para a geração de compreensão (p. 91).

No capítulo quatro, ela apresenta a “Sociolinguística interacional” discutindo a fundamentação teórica da abordagem, que tem suas bases na antropologia, na sociologia e na linguística (p. 97). Como a autora discute, a Sociolinguística interacional deriva suas principais contribuições dos estudos do antropólogo John Gumperz e do sociólogo Erving Goffman, de quem Schiffrin havia sido aluna na Universidade da Pensilvânia na década de 70. De Gumperz veio a percepção de que a compreensão em uma dada situação de comunicação é perpassada pela “predisposição culturalmente determinada dos participantes para assimilar e reter” (SCHIFFRIN, 1994, p. 99). Como

Schiffrin explica, há aspectos relativos ao comportamento verbal e não verbal que orientam o que é dito para um determinado conhecimento contextual. Trata-se de “pistas de contextualização”, que orientam o entendimento de um dado conteúdo proposicional (p. 101). Conforme a discussão de Schiffrin, de Goffman veio a compreensão dos contextos de interação interpessoal que suprem as condições para as “inferências dos ouvintes” do “significado intencionado pelos falantes”(p. 101). Como a autora discute, a abordagem de estudo do discurso proporcionada pela Sociolinguística Interacional centra-se no significado situado, ou seja, na compreensão de que linguagem, cultura e sociedade estão enraizadas na interação e que, para dar conta dos fenômenos linguísticos discursivos, há de se considerar também as relações reflexivas entre linguagem e contexto (p. 134).

No capítulo cinco, ela apresenta a metodologia e fundamentação teórica da Etnografia da Comunicação. A autora inicia com a exposição do trabalho de Hymes, mostrando como essa abordagem se baseia tanto nos pressupostos da antropologia como da linguística. De acordo com a discussão de Schiffrin, o desenvolvimento da Etnografia da comunicação tem por base o trabalho de Edward Sapir, que deixava de enfatizar “a forma e conteúdo sociocultural” como “produto” e passava a dar atenção ao “processo” (p. 138). Apesar de a linguagem não ser o foco principal de estudos antropológicos, a partir da Etnografia da Comunicação passa a ganhar mais ênfase a observação dos modos pelos quais os indivíduos interagem, uma vez que a comunicação é, em si mesma, parte do repertório cultural de um grupo. O que o trabalho de Hymes acrescentou, com importantes repercussões para a linguística, foi o modelo de observação participativa pautado pela grade SPEAKING, na qual cada letra representa um dos componentes possíveis da comunicação, a saber, *Setting* (cenário), *Participants* (participantes), *Ends* (fins, objetivos), *Act Sequence* (seqüência de ações), *Key* (chaves), *Instrumentalities* (instrumentos), *Norms* (normas), *Genre* (gênero). Conforme a discussão nesse capítulo, a contribuição da Etnografia da comunicação

consiste, em grande parte, no reconhecimento de que a linguagem é parte de um sistema complexo “de ações e crenças” que contribuem para a apreensão de significado (p. 185).

No capítulo seis, Schiffrin apresenta o modelo teórico da Pragmática para o estudo do discurso. De acordo com ela, a abordagem da pragmática é pautada por três conceitos: significado, contexto e comunicação (p. 190). Como um ramo da semiótica, a Pragmática leva em consideração a relação entre os signos e seus usuários, particularmente o ramo da disciplina desenvolvido por Grice. A autora então apresenta alguns conceitos importantes para a disciplina, tais como significado do falante (natural e não natural), e princípio cooperativo. Esses conceitos podem auxiliar no estudo do discurso e da linguagem em interação, na medida em que salientam a importância de se considerar “conhecimento, contexto e situação”, e como esses pressupostos contribuem para criar “modelos sequenciais” na fala (p. 227).

No capítulo sete, Schiffrin apresenta a abordagem metodológica da Análise da Conversa, cujos pressupostos teóricos derivam do trabalho do sociólogo Harold Garfinkel (etnometodologia) e de posteriores aplicações por Sacks, Schegloff e Jefferson. Conforme a descrição de Schiffrin, a Análise da Conversa compartilha com a Sociolinguística interacional a preocupação com “o problema da ordem social”, e com a Etnografia da Comunicação a preocupação com o conhecimento humano (p. 232). As três abordagens caracterizam-se pela análise detalhada de uma sequência de enunciados que realmente ocorreram, ou seja, extraídos de contextos reais de interação. Entretanto, como apontado por Schiffrin, a diferença entre a Análise da conversa e as outras duas abordagens é a sua metodologia autônoma. A Etnometodologia tem como um de seus principais pressupostos a noção de que os atores sociais baseiam-se em tipificações ou em categorias por meio das quais se dá a antecipação de uma ação (p. 234). Para a análise linguística, uma das repercussões dessa metodologia é o seu foco no que é dito, no texto, o que não significa, conforme a discussão de Schiffrin, que a Análise da Conversa não leve em consideração que os indivíduos se comunicam apenas com base no que é dito.

Entretanto, o “texto permanece central para os procedimentos da Análise da Conversa quando aplicados à fala”<sup>3</sup> (p. 278).

No capítulo oito, Schiffrin apresenta a Análise Variacionista, a única abordagem discutida no livro que é oriunda da linguística. Conforme a discussão apresentada, os estudos da variação linguística emanam do trabalho de William Labov, para o qual as diferenciações nos modos de dizer estão associadas a padrões sociais e linguísticos. Esse autor desenvolveu um modelo para a captura de amostras linguísticas em formato narrativo. Para Labov (1972), e Labov e Waletzky (1967), uma narrativa é uma unidade linguística delimitada e caracterizada por unidades menores, com funções sintáticas e semânticas precisas. De acordo com o modelo proposto por Labov, uma narrativa seria introduzida com um resumo, que sumariza a experiência, indicando qual o seu teor. Além disso, a narrativa apresenta uma orientação, a seção na qual se descobre mais sobre os eventos, por exemplo, quem são os participantes, onde os eventos ocorreram e quando. Sua parte principal são as ações de complicação, que dão conta dos principais eventos e do desenrolar da narrativa propriamente dito. Outrossim, uma narrativa apresenta avaliação, que permeia todo o texto e expõe o ponto da narrativa, a sua *raison d'être*. Finalmente, uma narrativa pode ser concluída com uma coda, que faz a transição do universo narrativo ao contexto corrente de fala (p. 284). Schiffrin exemplifica ainda no capítulo o modelo de análise variacionista, com amostras de narrativas e de listas, que a autora diferencia em termos funcionais. A narrativa, de acordo com ela, tem como foco um evento, enquanto a lista “descreve uma categoria” (p. 293). Nessa seção, a autora comenta dois dos mais discutidos tipos textuais abordados em sua carreira, que foram o estudo da narrativa oral como recurso para se chegar a formulações sobre a identidade dos participantes de uma interação, e o estudo de listas, sobretudo no que se refere à análise de termos referenciais.

---

<sup>3</sup> No original, “Nevertheless, it is text that remains central do CA procedures when applied to talk” (SCHIFFRIN, 1994, p. 278).

No capítulo nove, Schiffrin discute as noções de estrutura e função em relação às metodologias de cada abordagem. Se, em algumas abordagens (Atos de Fala, Sociolinguística Interacional, Pragmática, Etnografia da Comunicação) o foco consiste na função ou no uso da linguagem para “propósitos referenciais” (p. 339), em outras (Análise da Conversa e da Variação), é a estrutura linguística que merece atenção. Entretanto, a discussão da autora nesse capítulo mostra que, a despeito dos pressupostos de cada uma dessas abordagens e respectivas metodologias, é impossível dissociar estrutura e função. Ela defende que “nem uma análise radicalmente estrutural ou radicalmente funcional são apropriadas” (p. 361). Antes, de acordo com Schiffrin, as facetas de ambas as análises podem ser úteis para se estudar o discurso, na medida em que se pode derivar vantagens de cada uma para reforçar ou compensar os pontos fracos da outra.

No capítulo dez, Schiffrin propõe uma discussão sobre texto e contexto e suas implicações para a análise do discurso. O capítulo apresenta uma classificação das abordagens apresentadas, tendo em vista o tratamento que cada uma dá a texto e contexto, respectivamente. De acordo com a autora, embora pareça que algumas abordagens (Variação, Análise da Conversa) sejam mais centradas no texto, todas “consideram texto e contexto como contribuições interdependentes para o significado do enunciado e para a coerência através de enunciados”<sup>5</sup> (p. 364).

No capítulo onze, Schiffrin revisa as abordagens para a análise do discurso com base no modelo comunicativo que assumem: em função do código (variação), de um modelo inferencial (pragmática e atos de fala) ou interacional (Sociolinguística Interacional, Etnografia e Análise da Conversa). O capítulo compreende uma discussão detalhada de “aspectos da comunicação” que têm relevância para o estudo e a análise do discurso em cada abordagem, incluindo: 1) o modelo baseado no código

---

<sup>4</sup> No original, “Thus, neither radical structural nor radical functional analyses are appropriate” (SCHIFFRIN, 1994, p. 361).

<sup>5</sup> No original, “All the approaches discussed in this book consider both text and context as interdependent contributions to utterance meaning and to discourse coherence across utterances” (SCHIFFRIN, 1994, p. 364).

– a visão de que um indivíduo transmite uma mensagem por meio de um código compartilhado, para um receptor; 2) o modelo inferencial – assume-se que um indivíduo exibe intenções que são inferidas e antecipadas pelos recipientes; e 3) o modelo interacional – pressupõe-se que um indivíduo disponha de informação situada, a qual é interpretada por um receptor (p. 405).

No último capítulo, Schiffrin argumenta a favor de uma abordagem multidisciplinar para o estudo do discurso. Para a autora, apesar das particularidades inerentes a cada uma das seis abordagens apresentadas e de suas diferenças, há princípios em comum que orientam sua metodologia. A interdependência entre forma e função para a compreensão de texto e contexto, comunicação e discurso salienta a necessidade de se considerar a “base interdisciplinar da análise do discurso” (p. 419). De acordo com Schiffrin,

Para compreender a linguagem do discurso, então, nós precisamos entender o mundo no qual ela reside; nós precisamos sair da linguística. Quando nós então retornarmos para a análise linguística do discurso – para uma análise de enunciados enquanto interação social – eu acredito que nós descobriremos que os benefícios da nossa jornada terão superado os seus custos<sup>6</sup> (SCHIFFRIN, 1994, p. 419).

Essa citação resume bem o importante trabalho e a contribuição de Deborah Schiffrin para a linguística e, especificamente, para a Sociolinguística Interacional, subárea da linguística que seu trabalho ajudou a formar. Livros como *Approaches to discourse* ilustram bem a detalhada metodologia dos estudos que Schiffrin produziu, quer analisando conversações informais contendo listas e narrativas colhidas em pesquisas sob a supervisão de William Labov, na Filadélfia, quando era estudante de doutorado na Universidade da Pensilvânia, quer ao realizar narrativas históricas de sobreviventes do Holocausto. A autora também ficou bastante conhecida por seu

---

<sup>6</sup> No original, “To understand the language of discourse, then, we need to understand the world in which it resides; and to understand the world in which language resides, we need to go outside of linguistics. When we then return to a linguistic analysis of discourse - to an analysis of utterances as social interaction – I believe that we will find that the benefits of our journey have far outweighed its costs (SCHIFFRIN, 1994, p. 419).

trabalho com os marcadores discursivos (1987) e, posteriormente, por seu estudo do texto narrativo (SCHIFFRIN, 1981; 1984; 1996; 2002; 2003; 2006; 2009a; 2009b) aplicando metodologias que buscavam salientar a riqueza de informações disponíveis por meio desse tipo de discurso, tais como identidades sociais e históricas, além de aspectos relativos ao relacionamento entre personagens e os formatos de produção e autoria inspirados pelo trabalho de um outro de seus mentores, Ervin Goffman. A contribuição de Deborah Schiffrin para a linguística contemporânea é singular e, certamente, continuará sendo a base de modelos frutíferos para futuros trabalhos na disciplina.

### Referências Bibliográficas

SCHIFFRIN, D. Tense variation in narrative. **Language**, n. 57, vol. 1, p. 45-62, 1981. <https://doi.org/10.1353/lan.1981.0011>

\_\_\_\_\_. How a story says what it means and does. **Text**, n. 44, p. 313-346, 1984. <https://doi.org/10.1515/text.1.1984.4.4.313>

\_\_\_\_\_. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. **Language in society**, n. 25, vol. 2, p. 167-203, 1996. <https://doi.org/10.1017/S0047404500020601>

\_\_\_\_\_. Mother and friends in a Holocaust life story. **Language in Society**, n. 31, vol. 3, p. 309-353, 2002. <https://doi.org/10.1017/S0047404502020250>

\_\_\_\_\_. We knew that's it: retelling the turning point of a narrative. **Discourse Studies**, n. 5, vol. 4, p. 535-561, 2003. <https://doi.org/10.1177/14614456030054005>

\_\_\_\_\_. **In other words**: variation in reference and narrative. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 373 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511616273>

\_\_\_\_\_. Tales of transgression: negotiating the moral order in oral narrative. **Storyworlds: a journal of narrative studies**, n. 1, p. 61-77, 2009a.

\_\_\_\_\_. Crossing boundaries: the nexus of time, space, person, and place in narrative. **Language in society**, n. 38, vol. 4, p. 421-445, 2009b. <https://doi.org/10.1017/S0047404509990212>

Retrospectiva recebida em: 30.11.2018

Retrospectiva aprovada em: 09.05.2018